

Citation: Anónimo (Bento Morganti) (Ed.): "Num.º 2", in: *O Anonymo. Repartido pelas semanas, para divertimento e utilidade do publico*, Vol.2\002 (1753), pp. 9-16, edited in: Ertler, Klaus-Dieter / Fernández, Hans (Ed.): *The "Spectators" in the international context*. Digital Edition, Graz 2011-2019, hdl.handle.net/11471/513.20.4504

N.º.2

Sobre as boas Artes da Arquitectura, e Pintura.

MUitas vezes a variedade das iguarias desterra o fastio, e excita o apetite para o nutrimento; principalmente quando a natureza adquire pela continuação tedio ao alimento continuado. Vejo que o commum se enfastia com tam continuada Moral, e para isto não foi preciso muito tempo, porque desde os primeiros discursos tem concebido este enojo, que julgo ser influencia do clima, ou paixam do costume, sem que sirva de remedio o cuidado desta nova introdução. Para ver se esta acha melhor entrada, quero mudar de intento, e deixando por hum pouco descançar a Filozofia moral, ainda que esta na verdade he a mais util para os homens, pois por ella se reformam os costumes, e se civilizaõ as naturezas; vamos por outro caminho buscar melhor fortuna. Hade ser hoje o discurso sobre a utilidade que os homens podem tirar das bellas Artes, as quaes não sómente servem para o material adorno da Republica, e conveniencia dos povos, mas tambem para instruir o espirito, e pulir o engenho, servindo de igual estudo como os Livros reconhecendo-se nellas huma grande utilidade, e não menor necessidade para o Mũdo civil.

Para bem se conhecer a utilidade de huma cousa seria quasi necessario que esta se não possuísse; porque a privação he aquella que nos faz julgar por util quãto nos falta; e a familiaridade de o possuir nos faz parecer menos raro, e por isso mais vil, e menos util tudo quanto temos: pelo que para se poder melhor reflectir sobre o quanto sam uteis as bellas Artes, seria preciso desterralas, como já em outro tempo o fizeraõ os Ermotibos, e Celesirios ambos Povos do Egypto, como refere Plutarco; porque desta privaçam muito bem se podia argumentar depois a sua utilidade, e a sua necessidade, mas já que não posso fazer esta extinção, para depois convencer com a falta deste soccorro a necessidade, e a utilidade que pòde communicar a sua existencia; permanecendo como tudo tanto no mundo, na sua mesma conversaçam pertendo mostrar o grande amor, que às bellas Artes devem ter os homens, pelos principios de sua mesma conveniencia.

Sem considerarmos as bellas Artes em confuzo, e dentro dos limites de hum só lugar, que utilidades destintamente de cada huma dellas não reconhece o Mundo civil? Se descorremos na Arquitectura; esta nos separa das feras com os recintos das Cidades; nos defende do rigor das Estaçoens com a segurança dos edificios; nos repara da molestia da chuva com o beneficio de espaçozos porticos; e nos assegura das traições dos inimigos com a construcção de torres magnificas. Todas as Nações em seus respectivos tempos se constituíram devedoras a Arquitectura. Que lhe não deveo o Egypto, quando Cambises, tendo já principiado a destruir com o fogo o Palacio do seu inimigo, vendo nelle o celebre obelisco em cuja fabrica se empregaraõ vinte mil officaes, mandou logo, que se apagassem as chamas, não vencido de outra alguma couza mais, q# do respeito de tam magestozo edificio, como refere Plinio? Que não deveo a Persia aos Arquitectos de Xerses, quando fabricando hũa só ponte a dilatada Azia com a Europa? Que não deveo ao Arquitecto a sitiada Siracusa, quando pela sua industrioza maquina destruiu a armada de Marcello? Por tam avultadas conveniencias recebeo para com os antigos tanta estimação a Arquitectura, que a Dedalo Arquitecto de Athenas, como se fosse um Heroe, ou a hum Nume publicamente aquelles povos lhe consagraram hum Templo, do qual, escreve Diodoro, que ainda existiam em huma Ilha junto a Memphis os seus vestigios.

A Arquitectura não deixa tambem de nos offerecer a grande utilidade de considerarmos, e condoernos da nossa miseravel condiçam, porque tendo esta grande Arte occupada toda a terra, nos poem diante dos olhos os Mausoleos da Caria; as Torres no Faro; no Egypto as immensas, e pompozas Piramides, e deixando tantas das suas maravilhas humas no Occidente, outras no Oriente, he tam tenue, e tam miseravel a condiçam humana, que não tem havido hum só homem que se podesse desvanecer que de ter chegado ao perto para examinar todas as

maravilhas desta Arte. Mas para que nada faltasse aos homens, destinou a Providencia que houvesse outra Arte, ou mãy, ou companheira da Architectura, para lhes restituir tudo quanto lhe tirou a adversidade de dos tempos, a immensidade do caminho, e a infeliz condiçam do viver commum.

He esta a Pintura; porque recolhendo das espalhadas Historias todas as circunstancias, e as proporçoens das maravilhozas estruturas da Antiquidade, nos mostra aquelle grande Templo de Diana Ephesina, para cuja fabrica cansou engenhoza a Asia pelo espaço de vinte annos continuados mais de trezentos, e sessenta mil artifices. A Pintura com as suas cores expressando sobre huma só parede os prodigiosos muros de Babylonia, faz que ainda hoje se veja passear sobre elles a Rainha Semiramis cõ seis grãdes coches emparelhados, e dãdo sobre elles espaçosa volta, mostra q# não eraõ muros, mas sim praças, ou campos; e v#do cõ os nossos olhos pintadas entre as cem portas de Metal as proporções e seu immeso recinto, principiamos a dar credito ao q# conta Aristoteles nas suas Politicas, q# com tam vastas idèas fabricou a Architectura os soberbos bairros dos Babilonios, que tomando os inimigos por assalto a Cidade, tres ezes se poz o Sol, e outras tantas renaceo antes que chegasse tam funesta noticiaaos moradores que rezidiam na parte opposta ao lugar do assalto, o que tambem concorda com o que diz a Escripura Sagrada, dando a esta Cidade o titulo de tam grande que occupava tres dias inteiros de caminho.

Nam pòde deixar de conseguir no juizo dos homens huma grande estimaçã a belessima Arte da Architectura, porque a beneficio das suas excellentes obras, quasi faz perder a fé aos Annaes: e esta mesma igual estimaçã devemos dar à Pintura, porque por meyo das suas cores faz comprehender com a vista, o que não poderia crer o pensamento; e sem ser preciso descorrer o Nilo, ou navegar o Eufrates nos poem debaixo dos olhos unidas todas as maravilhas do mundo, intactas ainda depois das suas ruinas, sem mais trabalho, nem mais discomodo senaõ com o de contemplar, e sem outras penozas viagens, mais que o tenue, e facil movimento dos olhos.

He taõ util a Pintura, que nos ensina nam sómente a vista, mas tambem o animo com a preferença daquellas cousas, que em algum tempo existiraõ; alimenta a fantezia com a prospectiva daquellas cousas, que pòde haver para o futuro: diverte com a cassa, e com os bosques sem temor das fèras; e conduz pelos mares sem perigo das tempestades.

Depois de tudo isto, que diremos da utilidade das Imagens; pela qual os Amigos distantes se gozaõ como presentes; e os extintos como vivos, e falando? Galantes modos de zombar do destino nos offerece com as suas cores esta excellente Arte, pondo na nossa companhia os que vivem em partes remotissimas; e grande ventagem por meyo della recebe a nossa mortalidade, quando aquelles, que sepultados feixa hum funesto monumento, tornam por beneficio do Pincel a allegrar a nossa vista. Por esse meyo se consolava a enganada Dido, quando ainda que distante dos portos de Cartago, estava vendo a imagem do seu fugit ivo Eneas, como diz Silo Italico.

— *Et nunc lyderam Julique, tuamque
Effigiem fovet amplexu, nunc tota repente
Ad vultus conversa tuos sub imaginependet.*

E assim tambem se consolava aquelle afflicto Pay, a quem a Parca cruel roubou hum filho unica esperança da sua posteridade.

*Dum furit, raptum quaerit per singula natum
Depicta maestum solatur imagine vultum.*

Quem poderà deixar de conceber huma gloriosa estimaçã a esta nobilissima Arte, quando cõsiderar q# ella serve de inveja, e de soccorro à natureza? porque nam sómente faz viver sobre os panos os mortos, mas por ella se tornaõ novamente a produzir à semelhança dos Avós os generozos Netos; porque se a cõr das varas imprimio naturalmente nos partos das ovelhas a tintura do que viam, que não fará nos racionaes a artificiosa imagem assim do semblante, como do animo daquelles cujo mesmo sangue se transfunde, vegeta, e vive? A Pintura naõ sómente influe de Avó em Neto a semelhança do rosto, mas muitas vezes tambem as semelhanças de seus gloriosos costumes. Plutarco escreve, que sahindo Marco Bruto por virtude de hum retrato antigo, muito parecido no semblante com seu Avò, bem mostrou ao Tibre, que tambem sahira muito semelhante a elle no valor, quando no meyo do Senado valerosamente tirou a vida a Cesar; e se hum primeiro bruto naceu para libertar Roma da violencia dos Reys, este segundo Bruto por virtude de huma imagem com quem era muito parecido no rosto, e no coraçã a tornou a fazer livre da tirania de hum Cidadão . Mas quando ainda faltasse

aos mancebos a generosa virtude de seus mayores, e nam contassem entre elles hum homem sabio, ou forte para lhe imitarem com o semblante o valor, não deixaõ de produzir a mesma utilidade como diz Plinio as Imagens dos outros, e dos Heroes estrangeiros, e distantes; porque servem de huma continuada reprehensãõ ao ocio, e à vileza do animo de quem os não pertende igualar.

Ainda esta não he a mayor utilidade, que cõmunica a Pintura, porque he muito mayor a que se tira das Imag#s sagradas para a reformaçãõ no nosso Mundo Catholico. Todos o sabem, e todos o experimentãõ. Bate sobre os nossos coraçõens com a mesma pedra hum S. Jeronimo pintado: convida com as suas lagrimas as nossas huma arrependida Magdalena; e despertam os nossos ardores com os seus as inflamadas chamas de hum animoso Lourenço. Isto não he negar q# tambem á Historia se deva grande parte deste beneficio, e que lendo-se nellas os belos costumes das candidas Virgens, e o animo invicto dos fortes Martyres, deixemos de sentir o pensamento occupado de tam santos dezejõs, mas não devemos negar à utilidade da Pintura esta mayor gloria; que a donde a historia por meyo de hũ tenue pensam#to apenas desperta o coraçãõ, a Pintura por meyo dos olhos nos leva a occupalo inteiramente, e pòde com huma suave cadea ligar, e unir para aquelle objecto todos os nossos affectos.

Se consideramos que a historia se pòde fazer senhora absoluta dos nossos affectos pelo que nos conta, devemos por outra parte confessar, q# sempre deve ceder à Pintura pelo que esta nos mostra; porque o mais que por si mesmo nos pòde prometter a historia he mostrar as cousas ao entendimento como se fossem pintadas; mas a Pintura principiando adonde a outra acaba, pinta as cousas à vista, e de tal forte as representa, que as vemos como se fossem vivas, e verdadeiras. De S. Gregorio Nisseno se escreve que vendo uma pintura de Abraham com a espada desembainhada em acto de sacrificar seu unico filho não pode conter aquellas lagrimas, que lendo muitas vezes a mesma historia não chegou a derramar. E S. Basilio falando em certa occasiãõ de hum Santo Martyr, disse com grande humildade, que muito melhor, que as suas palavras o expressava engenhosamente a Pintura, a quem de boa vontade cedia a palma; parece-me, que não he preciso referir estas duas grandes authoridades, porque os doutos as sabem muito bem.

Naõ sei, que certo escrupulo me acompanha, de que entenderãõ os meus Leitores, que a efficacia com que discorro sobre a utilidade, e excellencias desta arte procede da inata inclinaçãõ, que a ella tenha, e que a paixãõ predominante he a que me obriga a intimar a sua grande serventia, e a formarlhe este pequeno elogio: mas devo satisfazer esta consideraçãõ, podendo aliãõ ser muito bem fundada, com os exemplos, que possam desterrar toda a suspeita da minha parcialidade; lembrando aos meus Leytores, que ainda entre as sombras do Gentilismo conheceram os antigos esta grande dignidade da Pintura; porq# tanto a estimarãõ os Romanos particularmente pela singular utilidade, que cõmunica quando serve de mais facil, e mais cõmum instrumento de se conhecerem os favores de Ceo, q# Quinto Fabio o mais illustre Cavalheiro, que no seu tempo contava a antiga Roma, reputou pela mayor de todas as suas felicidades, poder pintar com a sua propria mam todas as paredes do Templo da saude, subservando-as com o seu proprio nome; *Fabius Pictor*, assim o deixou escrito Rutilio na vida deste illustre Consul, entenendo, que deixava mayor gloria para a sua posteridade em ser celebre Pintor de cousas sagradas, que o grande esplendor, que communicou à sua illustre decendencia com tantas empresas profanas seu Avô Alcides. Isto mesmo praticãram depois Lucio Scipiãõ, e Maximo Consules; Octaviano Augusto, Tiberio, e Nero Cesares. Andriano, Marco Antonio, Alexandre Severo, Valentiniano, e Constantino Imperadores Romanos: e primeiro delles tinha entre os Gregos conciliado tanta estimaçãõ a Pintura, que para huma Arte tam nobre, e tam util não ser profanada por mam servil, e plebea, se publicou por toda a Grecia hum Editõ, que nenhuma pessoa exercitasse esta Arte se não fosse nobre, e livre; assim o refere Plinio, e disto he que tomou a Pintura primeiramente o titulo de Arte liberal, que ao depois se communicou ás suas companheiras fazendo-se commum para todas.

De tudo o que fica dito me parece, que muito bem se colhe a grande utilidade que os homens pòdem conseguir das boas Artes, e que não sómente ellas sam em si mesmo uteis, mas ainda necessarias para a boa harmonia do Mundo civil; pelo que bem posso dizer aos nossos Naturaes o mesmo que Ovidio disse aos Mancebos de Roma.

Disces bonas artes, moneo Romana Juventus.